

A Europa, preocupada com a democracia.

Preservar as instituições e as conquistas democráticas que Tancredo Neves encarnou durante esses últimos meses até as vésperas de sua posse, quando foi internado às pressas, é agora a principal preocupação dos dirigentes dos países da Europa Ocidental. Essa foi a tônica, da primeira manifestação oficial na Europa, tão logo chegou a notícia, já na madrugada de segunda-feira, do falecimento do presidente eleito do Brasil. Ela foi dirigida pelo primeiro-secretário do partido Socialista Francês, Lionel Jospin, ao presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães.

Tancredo Neves, há até alguns meses, era uma personalidade desconhecida na Europa, apesar de ter exercido no passado funções ministeriais e até ocupado o cargo de primeiro-ministro do regime parlamentar nos tempos de João Goulart. Em poucos meses, entretanto, passou a ser uma figura citada não só pela classe dirigente e, pelos meios de comunicação europeus, mas também pela própria opinião pública do continente. É preciso lembrar que, como deputado ou líder da oposição no Congresso, Tancredo Neves jamais desenvolveu muitas relações internacionais como outros políticos brasileiros.

Só mais recentemente, a partir do fim da campanha pelas diretas e com a preparação do pleito direto para a Presidência, o nome de Tancredo foi-se impondo na Europa, passando a ocupar o espaço principal nos noticiários e comentários sobre a evolução política brasileira. Já no final da campanha presidencial, Tancredo era apontado como homem do consenso nacional, a fórmula encontrada pelos brasileiros para uma transição moderada e serena. Um homem que acabou chamando a atenção dos

governantes europeus, e, mesmo não tendo sido eleito pelo voto direto, ninguém duvidava de sua legitimidade.

Lembro-me de telefonemas de jornalistas e de conversas com políticos franceses, alguns que se consideravam especialistas em Brasil, querendo informações suplementares sobre "esse tal senhor Neves", que se preparava para assumir a Presidência da República. O anúncio de sua viagem ao Exterior provocou uma série de convites de países europeus, pois inúmeros governantes queriam conhecê-lo pessoalmente e estabelecer um contato mais direto e mais estreito, menos protocolar, o que foi impossível com os militares que o antecederam.

Sigilosamente, o senador Fernando Henrique Cardoso organizou o encontro de Tancredo com o presidente François Mitterrand, em Latche, residência de campo do chefe de Estado francês. Este enviou seu avião a Roma para buscar o presidente eleito, aguardando-o no aeroporto de Biarritz. Esses contatos constituíram a apresentação da Nova República a chefes de governo e se Estado europeus, como Felipe Gonzalez, Sandro Pertini, Mário Soares e o próprio Juan Carlos, da Espanha.

Se na área política européia, Tancredo Neves conseguiu impor-se rapidamente, conquistando seus interlocutores internacionais, também na área econômica e financeira sua presença logo afastou alguns fantasmas que temiam que o governo da oposição pudesse ser tentado a não cumprir os pesados compromissos internacionais assumidos. Nos contatos que manteve na Europa e nos Estados Unidos com esses setores, Tancredo garantiu que o Brasil cumpriria integralmente seus compromissos, mas es-

perava contar com a compreensão dos credores, pois não poderia pagar dívidas, aumentando a fome de uma parcela importante da população brasileira. As escolhas por ele feitas na área econômica foram bem recebidas pelos meios financeiros aqui na Europa. O Brasil passou a recuperar rapidamente a credibilidade política e econômica.

O "senhor Neves" passou para a intimidade dos franceses, mesmo porque nesses últimos dias alguns jornais já se referiam ao presidente eleito na forma brasileira, sendo designado simplesmente por seu prenome: Tancredo. Isso, na França, é uma forma reservada para os íntimos.

De qualquer forma, existe na França certa unanimidade, após a morte de Tancredo, de que é necessário desenvolver todos os esforços possíveis para evitar qualquer derrapagem que permita o retorno do autoritarismo, isto é, a volta de militares desmoralizados ao Poder e dos antigos tecnocratas, em grande parte responsáveis pela caótica situação econômica em que o Brasil se encontra.

Quanto ao presidente até então interino, José Sarney, ele é ainda pouco conhecido, mas sua apresentação pelos meios de comunicação não chega a entusiasmar ninguém, pelo seu anterior relacionamento e apoio aos governos militares. Mas, para preservar a democracia, afirma-se, na Europa, que a solução constitucional deve ser apoiada e estimulada, buscando-se um acordo em torno de um programa e de um calendário precisos que impeçam volta gradativa aos métodos de um passado recente e que todos repudiam.

Reali Júnior, de Paris.